Revista Atenas Higeia

ISSN -2596-1403

Artigo Original



Autores

Raquel Pontífice Mizael e Silva[1]

Natália Michelato Silva[1]

Nariman de Felicio Bortucan Lenza[1]

Tatiana Bardassi[1]

1 Libertas – Faculdades Integradas

São Sebastião do Paraiso. MG

Correspondência:
Libertas Faculdades Integradas
Raquel Pontífice Mizael e Silva
006324@gmail.com

Como citar:
Pontífice Mizael e Silva, R. ANÁLISE DAS EVIDÊNCIAS SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS NO CONTEXTO DA ONCOLOGIA PEDIÁTRICA : REVISÃO DE LITERATURA. Revista Atenas Higeia, 8(2). https://doi.org/10.71409/ah.v8i2.775

Copyright:
Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados

Análise das evidências sobre os aspectos emocionais no contexto da oncologia pediátrica: revisão de literatura

Resumo

Introdução: O câncer é uma doença temida, carrega o estigma da finitude, gerando medo da dor, do sofrimento e da mutilação, o que impacta profundamente a dinâmica familiar. A atuação do psicólogo torna-se imprescindível, melhorando a relação do paciente com o diagnóstico, além do suporte emocional e enfrentamento saudável da doença. Objetivo: Analisar as evidências sobre os aspectos emocionais no contexto da oncologia pediátrica. Método: Foi realizada uma revisão integrativa com a busca de estudos primários nas bases de dados Psycinfo, e nos portais de periódicos Google Acadêmico e Scielo. Resultados: Foram identificados 520 registros nas bases de dados e no portal de periódicos. A busca resultou em 7 estudos primários incluídos na revisão. Discussão: evidenciou os aspectos emocionais dos pacientes oncológicos na ressignificação diante do diagnóstico, ressaltando a atuação do psicólogo no contexto da oncologia pediátrica,. Conclusão: A oncologia pediátrica apresenta desafios complexos de ordem emocional e social, impactando significativamente pacientes e familiares. Destaca-se a psico-oncologia e equipe multiprofissional como pilares essenciais para a implementação de estratégias para o suporte integral. Verifica-se uma lacuna na literatura acadêmica acerca das intervenções psicológicas direcionadas a crianças com câncer, evidenciando a necessidade de pesquisas mais aprofundadas nesse campo.

Palavras-chaves: Oncologia Pediátrica; Pediatria; Intervenção Psicológica; Psicologia.

Abstract

Introduction: Cancer is a highly feared disease, carrying the stigma of finitude and evoking fears of pain, suffering, and mutilation, which profoundly impact family dynamics. The role of the psychologist is essential, as it contributes to a healthier adjustment to the diagnosis, provides emotional support, and fosters adaptive coping with the illness.Objective: To analyze the available evidence on emotional aspects in the context of pediatric oncology.

Method: An integrative review was conducted, including primary studies retrieved from PsycINFO and the portals Google Scholar and SciELO. Results: A total of 520 records were identified across databases and portals. The search resulted in 7 primary studies included in this review.Discussion: Findings highlighted the emotional aspects experienced by pediatric oncology patients in the process of re-signifying the diagnosis, emphasizing the psychologist's role within this context. Conclusion: Pediatric oncology presents complex emotional and social challenges that significantly affect both patients and their families. Psycho-oncology and the multidisciplinary team stand out as essential pillars for implementing comprehensive support strategies. The literature reveals a gap regarding psychological interventions specifically directed at children with cancer, underscoring the need for further research in this field.

Keywords: Pediatric Oncology; Pediatrics; Psychological Intervention; Psychology.

INTRODUÇÃO

O câncer é uma doença temida mesmo com todos os avanços tecnológicos. Ainda carrega estigmas de finitude, gerando medo, dor e sofrimento diante das mutilações. Sendo caracterizado como um conjunto de doenças que se apresentam pelo crescimento desordenado de células que invadem tecidos e órgãos. Essas células podem formar tumores malignos, com uma divisão celular rápida, agressiva e incontrolável (Sant'anna; Mendes, 2019).

O surgimento do câncer ocorre por uma mutação genética, resultante de uma alteração no DNA. No entanto, a carcinogênese (processo pelo qual as células normais se transformam em células cancerosas) se desenvolve de forma lenta, levando vários anos para a proliferação celular até gerar um tumor detectável (Instituto Nacional de Câncer - INCA 2024).

As células malignas apresentam uma mitose rápida, se disseminam entre os tecidos normais, gerando tumores secundários. O deslocamento das células cancerígenas implica na formação de um novo tumor. A autorrenovação dessas células é uma condição essencial para a colonização bem-sucedida, fenômeno conhecido como metástase (Instituto Nacional de Câncer - INCA, 2022).

Os cânceres são classificados de acordo com a localização e podem surgir em quaisquer órgãos. Quando ocorrem em epitélios, como pele e mucosa, são denominados carcinomas. Quando ocorrem nos tecidos conjuntivos, como osso, músculo ou cartilagem, são chamados sarcomas. (Instituto Nacional de Câncer - INCA, 2022).

O câncer infantojuvenil refere-se a um grupo de doenças caracterizadas pela proliferação descontrolada de células anormais que podem afetar qualquer parte do organismo. Esses cânceres geralmente envolvem células do sistema sanguíneo e tecidos de sustentação, distinguindo-se dos cânceres em adultos, onde o câncer pediátrico representa aproximadamente 3% dos casos (Instituto Nacional de Câncer - INCA, 2022).

Tipos mais frequentes de câncer infantojuvenil, de acordo com o Instituto Nacional de Câncer- INCA (2022) são: leucemias, linfomas, osteosarcomas, sarcomas, tumores do sistema nervo central, neuroblastoma, tumor de Wilms, destacam a diversidade das doenças oncológicas em crianças e adolescentes e a importância de um diagnóstico precoce e tratamento adequado para aumentar as chances de cura. Ressalta-se que o câncer é a principal causa de morte por doença entre crianças e adolescentes de 1 a 19 anos.

De acordo com Cardoso (2007), os procedimentos mais comuns e conhecidos utilizados na detecção dos cânceres incluem biópsia, punção, ultrassonografia, tomografia computadorizada, ressonância magnética, hemograma e mielograma (exame da medula óssea), entre outros.

Os sintomas do câncer podem ser facilmente confundidos com outras doenças comuns na infância, o que prejudica a detecção precoce da doença. Portanto, é essencial que os pais ou responsáveis estejam atentos aos sintomas apresentados pelas crianças (Cardoso, 2007).

Atualmente, estima-se que 80% das crianças e adolescentes podem ser curados, desde que recebam um diagnóstico precoce e sejam tratados em centros especializados O tratamento de crianças com câncer difere significativamente do tratamento de pacientes adultos. Idealmente, a criança deve ser tratada em centros onde outras crianças também estejam recebendo tratamento. Existem centros especializados em oncologia pediátrica e, na maioria dos casos, grandes centros de atendimento a pacientes com câncer também oferecem atendimento específico para crianças. Durante o tratamento, é essencial que a família participe ativamente, proporcionando segurança e confiança à criança (INCA, 2023)

As tecnologias de detecção e tratamento do câncer infantil evoluíram significativamente nas últimas décadas. As terapias utilizadas são frequentemente combinadas, e a escolha de cada uma delas, bem como a frequência e a duração da sua aplicação, dependem de vários fatores, tais como: cirurgias, quimioterapia, radioterapia, transplante de medula óssea

(INCA, 2022)

Esse novo cenário hospitalar, no qual a criança se encontra inserida, configura-se como um ambiente aversivo, que a afasta e isola de seu convívio social e dos contextos habituais. Ela é submetida a um ambiente onde enfrenta procedimentos dolorosos, internações recorrentes, exames, injeções e, muitas vezes, é privada do ato de brincar. Essas condições culminam em uma situação de tensão associada ao diagnóstico, gerando uma sequela psicossomática significativa nesse período de vida, conforme elucidado por Freire (2023).

O diagnóstico de câncer impacta não apenas o paciente, mas também todo o seu grupo familiar, gerando angústias, inseguranças, receios e baixa autoestima, comprometendo o bem-estar. As implicações emocionais afetam o paciente e o grupo em que ele vive, que passam por momentos de crise e desorganização em seu cotidiano, necessitando de uma nova adaptação. Esse período conflituoso e incerto pode gerar exclusão e dificuldades nas relações interpessoais, reforçando a necessidade de suporte emocional e social (Pereira, 2021).

Dentro de um ambiente hospitalar, o psicólogo deve estar preparado e capacitado, sendo fundamental para garantir um trabalho psicológico responsável, que auxilie efetivamente no processo de cuidado e apoio emocional, através de uma escuta qualificada e empática. A psico-oncologia abarca a psicologia e a oncologia, trabalhando com questões psicossociais e o adoecimento pelo câncer, prevalecendo intervenções de aceitação e enfrentamento, proporcionando melhorias na qualidade de vida (Scannaviano et al., 2013).

Segundo Valadão (2021), a Psico-Oncologia estuda as dimensões psicológicas do câncer, avaliando seu impacto no paciente, na família e nos profissionais, além de analisar fatores psicológicos e comportamentais relacionados à incidência e à sobrevivência.

Fundamentada no modelo biopsicossocial, a Psico-Oncologia integra Oncologia e Psicologia ao explorar fatores psicossociais na etiologia, desenvolvimento, prevenção e reabilitação do câncer. A Sociedade Brasileira de Psico-Oncologia consolidou esse campo como referência. Dentro deste contexto, a psico-oncologia pediátrica, conforme elucidado por Datta (2019), foca nos aspectos emocionais e comportamentais de crianças com câncer, incluindo a identificação e manejo de comorbidades psiquiátricas durante o tratamento.

De acordo com o Oncoguia (2025), crianças com câncer e seus familiares possuem necessidades especiais que são melhor atendidas em centros especializados. O tratamento do câncer infantil envolve uma equipe multidisciplinar e multiprofissional que deve incluir pediatras, oncologistas pediátricos, cirurgiões pediátricos, radio-oncologistas, enfermeiros pediátricos, psicólogos, assistentes sociais, nutricionistas e fisioterapeutas.

Para Pio e Andrade (2020), o câncer provoca um perceptível desequilíbrio psicológico tanto nos pacientes quanto em seus familiares. A psico-oncologia, ao longo da trajetória do doente e de seus familiares, identifica as dificuldades enfrentadas ao receber o diagnóstico, descrevendo a atuação dos psicólogos oncológicos e as contribuições oferecidas aos pacientes e à rede de apoio. Dentro desse contexto, o psicólogo que atua nos cuidados oncológicos deve compreender o paciente e sua família, bem como seus comportamentos, para que intervenha de forma adequada.

A psico-oncologia oferece uma nova perspectiva sobre o câncer para pacientes, familiares e profissionais, proporcionando uma compreensão das respostas psicológicas ao adoecimento, tratamento, reabilitação e sobrevivência. Aborda o conhecimento básico e o desenvolvimento de fatores de risco e etiológicos, além dos tratamentos indispensáveis. O atendimento aos pacientes com câncer é baseado em técnicas integrativas, reconstrutivas e de suporte, incluindo abordagens psicopedagógicas, de esclarecimento, aconselhamento e acolhimento, que enfatizam a importância de lidar com perdas, incertezas, medos, ansiedades, tristezas e culpa. Apesar de ser uma área em crescimento, a psico-oncologia ainda é pouco conhecida ou mal

compreendida (Campos; Rodrigues, 2021).

OBJETIVO

Analisar as evidências sobre os aspectos emocionais no contexto da oncologia pediátrica.

METODOLOGIA

Diante da crescente e complexa quantidade de informações na área da saúde, e da necessidade contínua de aprofundar o conhecimento, propôs a realização de uma revisão integrativa da literatura. Essa abordagem permitiu uma análise ampla da literatura existente. A revisão integrativa facilita debates sobre métodos e resultados de pesquisas, além de ter oferecer reflexões sobre novos estudos. O objetivo da revisão integrativa é pesquisar e compreender fenômenos específicos com base em estudos anteriores, reduzindo incertezas nas recomendações práticas e auxiliando na tomada de decisões para intervenções mais eficazes e adequadas (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

Considera-se a revisão integrativa, a qual permiti a inclusão de uma ampla gama de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão abrangente do fenômeno observado. Esta abordagem conciliou informações da literatura teórica e empírica, proporcionando a definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos em tópicos específicos (Souza; Silva; Carvalho, 2008).

Segundo Silva et al. (2017), a revisão integrativa (RI) é um método que busca alcançar o objetivo proposto através da análise e síntese organizada das pesquisas. Este método contri buiu para a tomada de decisões e o aprimoramento tanto na temática quanto na prática clínica.

Para realização da revisão integrativa (RI), seguiram-se as seguintes etapas: identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos; categorização dos estudos; avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; interpretação dos resultados e síntese do conhecimento dos principais resultados evidenciados na análise dos artigos incluídos (Silva et al, 2017).

A questão norteadora da presente revisão integrativa foi: “Como analisar as evidências sobre os aspectos emocionais no contexto da oncologia pediátrica?”

Para a busca dos estudos primários, utilizou- se os portais de periódicos online Scientific Eletronic Library (SciELO) e Google Acadêmico e a seguinte base de dados, considerada importante no contexto da saúde e disponível online: American Psychological Association (PsycINFO). Para a busca, foram utilizados os descritores: oncologia pediátrica, intervenção psicológica, pediatria e psicologia. Tais descritores foram combinados, utilizando o operador boleano “e”, até que se obtivessem os estudos correspondentes aos critérios de inclusão e exclusão delimitados.

Os critérios de inclusão estabelecidos foram: estudos primários, publicados no período de 2019 a 2024, no idioma português, disponíveis na íntegra. Os critérios de exclusão adotados foram: revisões de literatura, estudos secundários (com exemplo, cartas, editoriais, relatos de experiência, estudos de caso, estudos primários cujos participantes eram adultos/ ou idosos).

A seleção dos estudos primários foi realizada por dois revisores com experiência na área, sendo posteriormente comparados os resultados, para a delimitação da amostra da revisão. Para a extração das informações dos estudos incluídos na revisão, utilizou-se o instrumento, o qual contemplou os seguintes itens: identificação do estudo e características e avaliação do rigor metodológico.

A forma descritiva foi adotada para a análise dos resultados evidenciados, na qual apresentou-se a síntese de cada estudo incluído na revisão, bem como comparações entre as pesquisas.

RESULTADOS

Foram identificados, preliminarmente, 520 registros por meio da busca nas bases de dados selecionadas e no portal de periódicos. Após leitura do título, foram excluídos 428 artigos, 347 artigos aspectos não abordados nesta revisão 03 estudos de caso, 10 artigos outro idioma, 16 artigos de revisão de

literatura , 17 citações 28 artigos em livros, 05 fora da temática e 02 duplicados. Após esta etapa, foi realizada a leitura dos resumos de 99 artigos, dos quais foram excluídos.: 19 Tese, 2 manografia 37 dissertações, 19 revisões de literatura, 09 livros, 05 fora do tema e 1 não corresponde ao corte temporal desse estudo. Assim, 07 estudos primários compuseram a amostra da presente RI. A seleção dos estudos primários foi realizada conforme o fluxograma descrito na Figura 1.

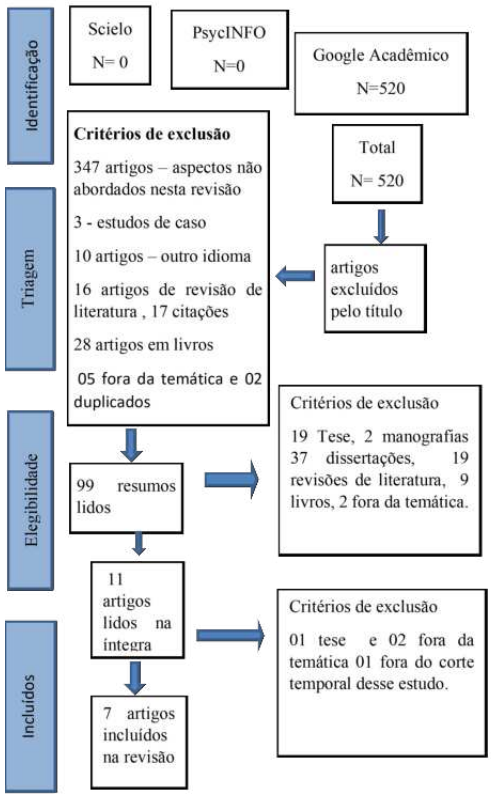


Figura 1 Adaptação do Flow Diagrama do processo de seleção de artigos da revisão integrativa de acordo com o Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses - PRISMA.

O Estudo 1, teve como teve como objetivo principal entender como profissionais de oncopediatria lidam com o luto pela perda de seus pacientes. Utilizando uma abordagem qualitativa e descritiva, a pesquisa buscou aprofundar a compreensão das experiências intensas de luto, refletindo sobre suas implicações emocionais e profissionais. (Silva; Silva; Felix, 2019).

O Estudo 2 teve como objetivo investigar o desempenho ocupacional e a qualidade de vida de adolescentes com câncer, dentro de uma pesquisa transversal, quantitativa e caráter descritivo. Os resultados indicaram que adolescentes em tratamento oncológico enfrentam riscos significativos relacionados ao desempenho ocupacional, especialmente no que se refere à independência funcional, ao envolvimento em papéis ocupacionais e à qualidade de vida. Destaca-se a relevância do acompanhamento contínuo desses jovens por uma equipe multiprofissional, que promova desenvolvimento biopsicossocial (Silva, 2019).

Quadro 1 Síntese dos estudos incluídos na revisão

Titulo	Autor / Ano	Tipo de Estudo	Resultado
O luto dos profissionais de saúde na oncologia pediátrica em uma perspectiva fenomenológica	Rosenir Maria da Silva1, Maria Thereza Motta e Silva2, Jullyane Renata Lopes Félix3 (2019)	Pesquisa de abordagem qualitativa, descritiva do tipo fenomenológica com corte transversal	A pesquisa evidenciou que os profissionais de saúde necessitam de acolhimento em seu luto, com espaço para expressar sua tristeza, lidar com a frustração.
Desempenho ocupacional e qualidade de vida de adolescentes em diferentes momentos do tratamento oncológico	Mariana Oliveira Leite Silva et.al (2019)	Trata-se de pesquisa transversal, de cunho quantitativa e descritiva, com coleta de dados prospectiva e amostragem por conveniência	O estudo demonstrou que adolescentes em tratamento oncológico enfrentam riscos significativos no desempenho ocupacional e funcional e na qualidade de vida, requer acompanhamento contínuo por equipes multiprofissionais para garantir desenvolvimento biopsicossocial.
Da suspeita ao diagnóstico de câncer infantojuvenil: a experiência de familiares em serviços de saúde	Beatriz Lima Figueiredo Sibelle Maria Martins de Barros Maria Angélica Carvalho Andrade (2020)	Estudo qualitativo	O estudo buscou compreender a vivência de familiares de crianças e adolescentes com câncer nos serviços de saúde, desde os primeiros sinais e sintomas até a comunicação diagnóstico.
A prática profissional de psicólogos em ambiente hospitalar e seus desafios	Larissa Angelocci et.al (2020)	Pesquisa qualitativa	O estudo teve como objetivo compreender os desafios da atuação do psicólogo no âmbito hospitalar.
Limitação terapêutica em oncologia pediátrica	Daniela Trevisan Monteiro et.al (2021)	Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo.	Problemas nas instituições dificultam a atuação dos psicólogos.
Emoções positivas e resiliência na perspectiva de adolescentes com câncer	Daniele Borges-de-Mello-dos-Santos, Angela Donato-Oliva (2021)	Pesquisa qualitativa.	Há escassez de serviços especializados para adolescentes com câncer, e estratégias de enfrentamento aumentam a adesão ao tratamento.
Avaliação do estresse em crianças em tratamento oncológico	Ana Paula Wilvert, Mara Albonei Dudeque Pianovski, Camilla Volpato Broering (2024)	Estudo analítico, quantitativo em coorte.	Os resultados indicam uma frequência de estresse, que acarretam consequências significativas para o paciente, incluindo o de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT

O Estudo 3, de caráter descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa, com objetivo compreender a vivência de familiares de crianças e adolescentes com câncer nos serviços de saúde, desde o surgimento dos primeiros sinais e sintomas até a comunicação do diagnóstico.; reconstruindo a trajetória dessas famílias, desde os primeiros indícios da doença até a confirmação do diagnóstico oncológico. Ressalta-se a importância de que a rede de atenção oncológica promova uma articulação eficiente, (Figueredo; Barros Andrade, 2020).

O Estudo 4 teve como objetivo analisar as relações de poder no contexto do trabalho do psicólogo hospitalar, com foco na interação desse profissional com a equipe de saúde e nos impactos dessas dinâmicas sobre sua prática profissional e a relação psicólogo-

paciente. A pesquisa identificou diversos desafios que comprometem as atividades dos psicólogos, dificultando a plena potencialização de suas contribuições no âmbito da Psicologia (Angelocci, 2020).

O Estudo 5 tem como objetivo compreender a perspectiva dos profissionais de saúde de uma unidade de oncologia pediátrica em relação à limitação terapêutica no cuidado de pacientes pediátricos em processo de morte. Os resultados do estudo contribuem significativamente para o avanço do conhecimento acerca da limitação terapêutica como parte do cuidado integral ao paciente infantil oncológico e sua família (Monteiro, et al 2021).

O Estudo 6 teve como objetivo explorar as emoções positivas e a resiliência em adolescentes brasileiros diagnosticados com câncer. Os resultados indicaram uma significativa carência de serviços especializados voltados ao atendimento desse público no país. Constatou-se que a adoção de estratégias positivas de enfrentamento contribui diretamente para a adesão ao tratamento, aumentando, as possibilidades de superar as adversidades impostas pela enfermidade (Donato-Olivia et.al 2021).

O Estudo 7 investigou a prevalência de estresse em crianças em tratamento em Unidades de Pediatria Onco-Hematológica, identificando fatores associados à sua manifestação. Trata-se de uma pesquisa analítica e quantitativa, de corte não comparada, que ressalta a importância da identificação precoce do estresse e da implementação de estratégias para sua minimização. O estudo oferece uma relevante contribuição à limitada literatura sobre estresse em crianças em tratamento oncológico, destacando a necessidade de ampliar as investigações para aprimorar as estratégias de intervenção (Wilvert; Pianovski; Broering, 2024).

DISCUSSÃO

Por meio da análise dos estudos foram elencados três categorias: aspectos emocionais dos pacientes, suporte para enfrentamento do adoecimento e o trabalho do psicólogo no contexto da oncologia pediátrica.

ASPECTOS EMOCIONAIS DOS PACIENTES

Quando uma criança é diagnosticada com câncer, ocorre uma mudança brusca em sua vida e na dinâmica familiar. O desenvolvimento social e construção de identidade, são abruptamente interrompidos pelo impacto do diagnóstico e pelas exigências do tratamento oncológico. Essa realidade é intensificada pela dor física e emocional associada ao câncer infantil, cuja natureza multidimensional representa um desafio significativo para os pacientes e suas famílias (Santana; Oliveira Santos, 2022).

Compreender essa dor, amplificada pelo estigma de fatalidade que acompanha o diagnóstico, é essencial para abordar os aspectos mais complexos da oncologia pediátrica. A infância e adolescência estão associada à alegria, crescimento e expectativas de futuro, quando associada ao adoecimento por câncer, impacta significativamente no desenvolviemento, gerando diversos obstáculos como a interrupção da rotina escolar, internações recorrentes, e alterações físicas temporais, ocasionando baixo autoestima. A notícia do diagnostico de câncer provoca efeitos psicológicos negativos como a ansiedade, incertezas quanto ao futuro, desânimo depressãoe estresse, evidenciando a necessidade de estratégias eficazes para minimizar seus impactos e promover o bem-estar do paciente (Donato-Olivia et.al, 2021).

O estudo de Donato-Olivia et al. (2021) analisou as emoções positivas e a resiliência desenvolvida por jovens diagnosticados com câncer, demonstrando que, apesar das adversidades, esses pacientes buscam atribuir sentido à sua condição de adoecimento e vivenciam momentos positivos. Contudo, os autores alertam que a busca excessiva por emoções positivas desconsiderando o contexto pode associar-se a transtornos como mania e bipolaridade. Nesse cenário, a resiliência emerge como um fator crucial, mediando os impactos do sofrimento e favorecendo a qualidade de vida. Além disso, os resultados sugerem que o fortalecimento da espiritualidade, por meio do exercício contínuo

da gratidão, promove o bem-estar e aumenta a resiliência, apontando para intervenções promissoras no contexto da oncologia pediátrica.

Corroborando esses achados, Wilvert, Pianovski e Broering (2024) enfatizam que o câncer é percebido como uma perda dos prazeres da infância, o que gera sofrimento psíquico tanto para a criança quanto para seus familiares. O tratamento oncológico é descrito como um período de intenso estresse, afetando amplamente a criança e seus familiares, sendo este estresse caracterizado como um estado de desequilíbrio que impacta o ser humano de maneira holística.

Os estudos indicaram uma prevalência de estresse de 43% entre pacientes pediátricos, ressaltando a necessidade urgente de intervenções eficazes que minimizem os impactos negativos. Convergem na demonstração de que o diagnóstico oncológico desencadeia traumas emocionais significativos, permeados tanto por sentimentos negativos quanto por experiências positivas, destacando a importância de estratégias que promovam o equilíbrio emocional e o suporte psicossocial. Considerando que o tratamento oncológico envolve procedimentos invasivos e longos períodos de hospitalização, torna-se imprescindível adotar recursos de enfrentamento adequados e criar protocolos de avaliação e intervenção psicológica. Essas estratégias podem minimizar os efeitos negativos, proporcionando uma abordagem mais humanizada e integral (Wilvert; Pianovski; Broering, 2024).

Figueredo, Barros e Andrade (2021) reforçam que o estresse e o sofrimento psicológico das famílias de pacientes oncológicos podem ser mitigados por meio de ações articuladas em diferentes níveis de atenção, baseadas em abordagens que integrem múltiplas dimensões dos processos de saúde e doença. Nesse contexto, destaca-se a importância de os profissionais de saúde atuarem em equipes interdisciplinares, considerando as diversas dinâmicas familiares e os contextos em que estão inseridos. Recomenda-se também a promoção de práticas interprofissionais e intersetoriais, capazes de atender às múltiplas necessidades dos usuários, além da adoção de uma postura acolhedora que facilite a construção de vínculos sólidos entre a equipe de saúde e os usuários. famílias, promovendo um cuidado integrado e centrado no indivíduo.

SUPORTE PARA ENFRENTAMENTO DO ADOECIMENTO

Segundo Silva et al. (2019), o câncer provoca rupturas significativas na vida de crianças e adolescentes, comprometendo capacidades físicas. Essas limitações impactam negativamente a execução de papéis ocupacionais, que são essenciais para a identidade pessoal e a satisfação com o próprio desempenho. O estudo analisou o desempenho ocupacional e a qualidade de vida em adolescentes com câncer, comparando aqueles em tratamento com os que se encontravam na fase de follow-up. Os achados indicaram que os adolescentes em tratamento enfrentam maiores riscos de comprometimento funcional, menor envolvimento em papéis ocupacionais e índices inferiores de qualidade de vida em relação aos que já concluíram o tratamento.

Ademais, o tratamento oncológico deve transcender a busca pela cura, priorizando a manutenção da qualidade de vida dos pacientes. Para alcançar esses objetivos, torna-se indispensável a atuação integrada de uma equipe multiprofissional, com o intuito de mitigar os impactos da doença e do tratamento (Silva et al., 2019).

Nesse mesmo contexto, Figueredo, Barros e Andrade (2020) destacam que a experiência com o câncer infantojuvenil é especialmente desafiadora, devido ao percurso complexo enfrentado pela criança ou adolescente e sua família nos serviços de saúde, além do impacto simbólico da doença, frequentemente associada a morte, incurabilidade e perdas significativas. As estratégias de enfrentamento, nesse caso, envolvem não apenas fatores individuais, mas também contextos e relações que favoreçam o desenvolvimento de recursos para lidar com o adoecimento.

O estudo conduzido por Figueredo, Barros e Andrade (2020) resgatou a trajetória das

famílias desde os primeiros sinais até a confirmação do diagnóstico, evidenciando o percurso longo e angustiante vivenciado na atenção primária à saúde, muitas vezes acompanhado de sentimento de impotência. Esses resultados evidenciam a necessidade de fortalecer a assistência oncológica por meio de uma rede integrada de cuidado, capaz de construir vínculos de confiança entre pacientes, cuidadores e a equipe de saúde. Recomenda-se, a prática comunicativas e humanizadas, que garantam uma assistência integral e minimizem os impactos emocionais e sociais da doença.

O TRABALHO DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO DA ONCOLOGIA PEDIÁTRICA.

Santana, Oliveira e Santos (2022) destacam o papel essencial da psico-oncologia na humanização do tratamento do câncer infantil, contribui significativamente para a construção de estratégias de enfrentamento diante das transformações provocadas pelo adoecimento e pela hospitalização. Nesse contexto, a escuta psicológica surge como uma intervenção indispensável no ambiente hospitalar, com o principal objetivo de minimizar o sofrimento emocional resultante do processo de internação e tratamento.

Complementando essa perspectiva, Monteiro et al. (2021) conduziram um estudo com o objetivo de compreender a visão de profissionais de saúde em uma unidade de oncologia pediátrica sobre as limitações terapêuticas no tratamento de pacientes pediátricos em processo de morte. Prolongar o sofrimento em fases terminais demanda decisões complexas, que exigem profundo conhecimento técnico, análise criteriosa das condutas terapêuticas e diálogo transparente entre os envolvidos.

Nesse contexto, a adoção de cuidados paliativos, em substituição a tratamentos curativos inviáveis, é essencial para aliviar o sofrimento e assegurar a dignidade do paciente. Assim, é indispensável que as decisões sobre limitações terapêuticas incluam uma comunicação clara com os familiares e a implementação de cuidados paliativos exclusivos, promovendo uma abordagem humanizada e integrada durante o processo de morrer (Monteiro et al., 2021).

Angelocci et al. (2020) ressaltam que o psicólogo hospitalar adota uma postura diferenciada, atuando como mediador entre o paciente, a equipe, a instituição e os acompanhantes, especialmente em casos de hospitalização. Nesse sentido, o espaço hospitalar transforma-se em um ambiente de cuidado e escuta que se opõe ao modelo biomédico tradicionalmente praticado pela equipe multiprofissional.

Este estudo explorou as relações de poder no trabalho do psicólogo hospitalar, analisando como essas dinâmicas influenciam sua atuação profissional e sua relação com os pacientes. Os resultados apontaram que, em ambos os hospitais analisados, a intervenção psicológica apresentava caráter focal e breve, com o objetivo de avaliar o estado emocional do paciente, auxiliar na compreensão e aceitação do diagnóstico e tratamento, acolher e minimizar o sofrimento. (Angelocci et al., 2020).

Entretanto, foram identificados desafios significativos nas instituições, como a comunicação insuficiente entre psicólogos e equipe médica, a perpetuação de hierarquias de saberes no ambiente hospitalar, a ausência de assistência psicológica exclusiva aos funcionários e a falta de um espaço dedicado ao trabalho do psicólogo. Esses fatores evidenciam a necessidade de avanços na estruturação do trabalho psicológico nos hospitais, promovendo maior integração e um cuidado mais humanizado (Angelocci et.al, 2020).

Por outro lado, Silva, Silva e Felix (2019) investigaram as experiências de luto vivenciadas por profissionais de saúde diante das perdas de seus pacientes, destacando que o contexto hospitalar ainda é permeado por uma cultura de negação da morte. O estudo abordou as temáticas de vínculos e envolvimento emocional, sentimento de impotência diante do sofrimento, impactos na saúde psíquica e estratégias de enfrentamento, ampliando a compreensão sobre o luto e buscando fornecer subsídios para auxiliar os profissionais em sua jornada emocional.

Quanto aos impactos na saúde psíquica, os profissionais são frequentemente confrontados com medos e traumas relacionados à perda e à morte, evocando questões pessoais, como experiências familiares e inseguranças da infância. Além disso, a escassez de estratégias eficazes de enfrentamento contribui para o risco de adoecimento psíquico. Estratégias adequadas, no entanto, podem não apenas prevenir esse adoecimento, mas também auxiliar os profissionais na gestão do luto e da morte, melhorando sua qualidade de vida e bem-estar. A pesquisa concluiu que é essencial criar espaços de acolhimento, onde os profissionais possam lidar com sua tristeza, frustração e impotência de maneira saudável. Esse acolhimento é crucial para enfrentar as adversidades emocionais associadas ao ambiente hospitalar (Silva, Silva e Felix, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas ao longo deste estudo evidenciam a complexidade dos aspectos emocionais e sociais envolvidos no contexto da oncologia pediátrica, destacando o impacto significativo do câncer infantil tanto para os pacientes quanto para suas famílias. O papel essencial de abordagens humanizadas, como a psico-oncologia, foi amplamente discutido, revelando sua importância na mitigação do sofrimento emocional e na promoção do bem-estar. Ademais, a integração de equipes multiprofissionais e a implementação de estratégias de cuidados paliativos demonstraram ser elementos fundamentais para assegurar um suporte abrangente e digno durante todo o processo de tratamento e recuperação ou enfrentamento da terminalidade.

No entanto, constatou-se uma lacuna significativa na literatura acadêmica sobre o tema, indicando a ausência de estudos que abordem de forma aprofundada as práticas psicológicas voltadas para pacientes oncológicos infantis dentro dos hospitais. Essa ausência ressalta a necessidade de investigações futuras que explorem estratégias de intervenção psicológica, considerando as especificidades do ambiente hospitalar e os desafios enfrentados por crianças e adolescentes em tratamento oncológico.

Dessa forma, espera-se que este trabalho contribua para ampliar as reflexões sobre a importância da atuação psicológica no cuidado integral de pacientes pediátricos com câncer. Além disso, reforça-se a urgência de desenvolver pesquisas que subsidiem a criação de protocolos e práticas psicológicas eficazes, capazes de minimizar os impactos emocionais e sociais do adoecimento e promover o bem-estar desses pacientes e suas famílias. A partir dessas investigações, será possível avançar na construção de um cuidado mais humanizado e integrado no contexto hospitalar.

REFERÊNCIAS

ANGELOCCI, Larissa et al. A prática profissional de psicólogos em ambiente hospitalar e seus desafios. Psicologia: Um Olhar do Mundo Real. Editora Científica.(26-35).

Disponível em: https://downloads. editoracientifica. com. br/books/978-65-87196-14-5. pdf, 2020. Acesso em 15. mar.2025

CAMPOS, Elisa Maria Parahyba; RODRIGUES, Avelino Luiz; CASTANHO, Pablo Intervenções Psicológicas na Psico-Oncologia. Revista Medotista, v. 29, n. 1, p. 41-47, 2021. Disponível em:

https://revistas.metodista.br/index.php/mudancas/article/download/624/603. Acesso em: 16 out.2024

CARDOSO, Flávia Tanes. CÂNCER INFANTIL: ASPECTOS EMOCONAIS E ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, v. 10, n. 1, p. 25-52, 2007. Disponível em:

https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/download/123/105 Acesso em 16 fev.25

DATTA, Soumitra S. et al. Tratado de Saúde Mental da Infância e Adolescência da IACAPAP In/; PSICO-ONCOLOGIA PEDIÁTRICA, 2019. Disponível em: https://iacapap.org/_Resources/Persistent/a159aab2207d0d1c273b09c56c2164bda544c1a8/I.6-PSICO-ONCOLOGIA-Portuguese-2019.01.pdf. Acesso em: 15 maio.2025.

DONATO-OLIVA, Angela et al. Emoções positivas e resiliência na perspectiva de adolescentes com câncer. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, v. 17, n. 1, p. 39-47, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808568720210001000006&script=sci_arttext. Acesso em: 15 mar.2025

FIGUEIREDO, Beatriz Lima; DE BARROS, Sibelle Maria Martins; ANDRADE, Maria Angélica Carvalho. Da suspeita ao diagnóstico de câncer infantojuvenil: a experiência de familiares em serviços de saúde. Nova perspectiva sistêmica, v. 29, n. 67, p. 98-113, 2020. Disponível em: https://revistanps.com.br/nps/article/download/563/447. Acesso em: 15 mar.2025

FREIRE, Áylla Joanna Galvão. Psicologia e o diagnóstico de câncer na infância: Os impactos do tratamento oncológico em crianças. 2023. Disponível em:

https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/PSICOLOGIA/P1714.pdf. Acesso em: 25 fev.2025

INSTITUO NACIONAL DE CÂNCER -INCA. Como surge o câncer? Disponível em https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/como-surge-o-cancer. Acesso em :28 set.2024. Acesso em 29 set.2024

INSTITUO NACIONAL DE CÂNCER -INCA. Câncer Infantojuvenil. Disponível em: https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tipos/infantojuvenil. Acesso em :10 maio.2025

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto & contexto-enfermagem, v. 17, p. 758-764, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ. Acesso em: 28 out 2024.

MONTEIRO, Daniela Trevisan et al. Limitação terapêutica em oncologia pediátrica. Psicologia Argumento, v. 39, n. 103, p. 177-198,

2021. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/download/26779/pdf. Acesso em: 14 mar.2025

OLIVEIRA, Bruna Dias; ROSA, Raphaella Freitas; MARBACK, Roberta Ferrari. Atuação da psicologia hospitalar: o cuidado com crianças com câncer, família e equipe multidisciplinar. Seminário Estudantil de Produção Acadêmica, v. 17, 2018. Disponível em: https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/download/5494/3617. Acesso em: 16 nov.2024.

OLIVEIRA, Thais Cibere Bezerra; MARANHÃO, Thércia Lucena Grangeiro; BARROSO, Marianna Leite. Equipe multiprofissional de cuidados paliativos da oncologia pediátrica: uma revisão sistemática. Revista de psicologia, v. 11, n. 35, p. 492-530, 2017.Disponível em: https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/754. Acesso em: 16 nov.2024

ONCOGUIA. Estatísticas para câncer infantil. Disponível em: https://www.oncoguia.org.br/conteudo/estatisticas-para-cancer-infantil/10665/459/>. Acesso em: 18 fev. 2025

PEREIRA, Hedyanne Guerra. A literatura como recurso de intervenção psicológica para o enfrentamento do câncer infantil. 2021. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/cb16bb5c-67a3-4945-88d2-7415b6282d61/content. Acesso em: 16 out.24

PIO. Eleni Severino dos Santos; ANDRADE, Maria Clara de Melo Psico-oncologia: A atuação do Psicólogo junto aos familiares e ao paciente oncológico. Revista Mosaico, v. 11,n. 1, p. 93-99, 2020. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/jumoraes,+2259.pdf. Acesso em:16 out. 2024

SANT´ANNA. Joana Lezan; MENDES, Deise Maria Leal Fernandes Enfrentamento do Câncer Infantil e Intervenções Psicológicas: Uma Revisão da Literatura. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.35, e 35, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ptp/a/mLjkfM66g3xMnDTMCYVybPv/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 29 set.2024

SCANNAVINO, Camila Saliba Soubhia; SORATO, Daniela Batista; LIMA, Manuela Polidoro; FRANCO, Anna Helena Junqueira; MARITN, Mariana Paschoal, JUNIOR, Joel Carlos Morais; BUENO, Priscila Regina Torres ; REZENDE, Fabiana Faria; VALÉRIO, Nelson Iguimar. Psico-Oncologia: atuação do psicólogo no Hospital de Câncer de Barretos. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusp/a/HxvRTbcsP4SPTCC5d7FvRmD/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 29 set.2024.

SILVA, Natália Michelato; SANTOS Manoel Antônio dos Santos; ROSADO, Sara Rosado; GALVÃO, Cristina Maria; SONOBE Helena Megumi. Psychological aspects of patients with intestinal stoma: integrative review. Rev. Latino-Am. Enfermagem, v. 25, e 2950, 2027. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rlae/a/jTTPKyzjQKFtPgwHpHvJBvm/?format=pdf&lang=en. Acesso em 28 out.2024.

SILVA, Rosenir Maria da; MOTTA E SILVA, Maria Thereza; FÉLIX, Jullyane Renata Lopes. O luto dos profissionais de saúde na oncologia pediátrica em uma perspectiva fenomenológica. Psicologia Hospitalar, v. 17, n. 1, p. 81-101, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ph/v17n1/17n1a06.pdf. Acesso em 29 mar.25

VALADÃO, Beatriz Carlos Pereira. A importância do Psicólogo na Psico-Oncologia. 2021. Disponível em: http://repositorio.fucamp.com.br/jspui/bitstream/FUCAMP/542/3/Importanciadopsicologo.pdf Acesso em: 16 out.2024

WILVERT, Ana Paula; PIANOVSKI, Mara Albonei Dudeque; BROERING, Camilla Volpato. Avaliação do estresse em crianças em tratamento oncológico. Brazilian Journal of Health Review, v. 7, n. 4, p. e7145. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/download/71453/50275 Acesso em: 14 mar.2025